

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**JÉSSICA FERNANDES**

**MOTIVAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A  
PERMANÊNCIA NA REGÊNCIA DE AULAS DE GINÁSTICA EM ACADEMIAS**

**CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2012**

**JÉSSICA FERNANDES**

**MOTIVAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A  
PERMANÊNCIA NA REGÊNCIA DE AULAS DE GINÁSTICA EM ACADEMIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau Bacharel no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Orientador: Prof. Me. Eduardo Batista von Borowski

**CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2012**

**JÉSSICA FERNANDES**

**MOTIVAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A  
PERMANÊNCIA NA REGÊNCIA DE AULAS DE GINÁSTICA EM ACADEMIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em atividades esportivas e de academia.

Criciúma, 30 de novembro de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Me. Eduardo Batista von Borowski - (UNESC) - Orientador

Prof. Me. Victor Julierme dos Santos da Conceição - (UNESC)

Prof. Esp. Francine Costa de Bom - (UNISUL)

**Às pessoas especiais em minha vida, que através de exemplos me ensinaram a arte de amar, respeitar e correr atrás dos meus sonhos.**

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, por me dar toda a força e coragem necessária ao longo dessa jornada, sonhei, busquei e conquistei.

Aos meus pais Fernando e Jandira, por permanecerem ao meu lado, me apoiando, amando e ensinando a lutar pelos meus sonhos.

A minha grande amiga Sandra, que mesmo em dias de dificuldade me ensinou através do seu abraço, a sorrir e enfrentar o dia com a cabeça erguida.

As companheiras mais incríveis que já tive, Isabela, Larissa e Jadna. Obrigada por fazer parte do meu caminhar.

Ao professor, orientador e acima de tudo amigo Eduardo, por me ajudar a concretizar e finalizar esta etapa do meu caminho.

Aos amigos e colegas que souberam me entender quando eu não estava em um dia bom, me mostraram que sempre estiveram comigo, mesmo quando eu não estava com eles.

Enfim, a todos que de alguma forma, contribuíram para que eu finalizasse mais essa etapa da minha vida. Meu muito obrigada a todos.

**“Basta ser sincero e desejar profundo.  
Você será capaz de sacudir o mundo”.**

*Raul Seixas*

## RESUMO

Nos dias de hoje, ser professor de ginástica tem se tornado cada vez menos atraente devido as precárias condições para o exercício da profissão, os salários baixos, falta de reconhecimento, e com isso os professores se sentem cada dia menos motivados. A presente pesquisa tem como tema de estudo a Motivação de professores de Educação Física para permanência na regência das aulas de ginástica em academias. Tendo como problema: Quais os fatores que motivam os professores de educação física a permanecer na regência de suas aulas de ginástica? Seguido do objetivo geral: Identificar os fatores que levam a motivação dos professores de educação física a permanecerem regendo aulas de ginástica. Para conseguir dar conta do objetivo geral foram construídos os seguintes objetivos específicos: Identificar qual motivo que levam os professores de educação física a optarem por trabalhar com ginástica de academia. Investigar quais as ferramentas pedagógicas que os professores usam para motivar seus alunos a permanecerem nas aulas. Identificar quais os fatores que desmotivam os professores a continuarem regendo suas aulas. O estudo contou com 4 professores formados em educação física e que ministram aulas há mais de 5 anos. Como instrumento de coleta de dados foi aplicado uma entrevista semi-estruturada, com característica de pesquisa de campo descritiva, sendo de abordagem qualitativa. Na análise de dados podemos conhecer melhor os entrevistados, sendo que todos trabalham com ginástica, são apaixonados pelo que fazem, gostam de ver a satisfação de seus alunos. Os motivos que levaram esses professores a trabalharem com ginástica foram, "interesse", "influência de outras pessoas", "identificação", "paixão pela modalidade". Podemos concluir a partir das respostas dos entrevistados que hoje em dia, alguns se sentem desmotivados com a profissão, outros se sentem bem internamente, porém a grande parte deles sente muita falta de reconhecimento, acreditam que a pouca remuneração chega a ser humilhante e muito desmotivante.

**Palavras Chave:** Professores de Educação Física, Ginástica de Academia, Permanência, Motivação.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>12</b>
<b>2.1 GINÁSTICA DE ACADEMIA</b> .....	<b>12</b>
<b>2.2 FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA</b> .....	<b>14</b>
<b>2.3 MOTIVAÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>2.3.1 Teorias da Motivação</b> .....	<b>19</b>
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>22</b>
<b>3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	<b>22</b>
<b>3.2 COLABORADORES DA PESQUISA</b> .....	<b>23</b>
<b>3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO</b> .....	<b>23</b>
<b>3.4 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS</b> .....	<b>23</b>
<b>3.5 VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO</b> .....	<b>24</b>
<b>3.6 PROCEDIMENTO DA PESQUISA</b> .....	<b>24</b>
<b>3.7 TRATAMENTO DOS DADOS</b> .....	<b>25</b>
<b>4 ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>26</b>
<b>4.1 Motivos que levam os professores de Educação Física a optarem por trabalhar com ginástica de academia</b> .....	<b>26</b>
<b>4.2 Motivos que levam os professores a permanecer regendo aulas de ginástica</b> .....	<b>29</b>
<b>4.3 Fatores que levam os professores que trabalham com ginástica a se desmotivarem</b> .....	<b>33</b>
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>38</b>
<b>APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	<b>42</b>
<b>APÊNDICE 2 – ENTREVISTA</b> .....	<b>43</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A estética assume um patamar nunca antes alcançado. O homem da sociedade moderna afirma que a beleza e a saúde são fundamentais. E o “fitness” é a palavra de ordem. Em busca de soluções ao longo dos anos, foram surgindo vários métodos e modelos de ginástica desenvolvidos no Brasil.

As academias surgem no Brasil a partir do ano de 1940 no estado do Rio de Janeiro, desde então, foram sendo criadas e inovadas vários tipos de aulas de ginástica, todas coletivas, geralmente realizadas em uma sala com um professor capacitado para ministrar a mesma. Essas aulas coletivas, vem com a intenção de proporcionar aos alunos, um bem estar maior, inibidos da vergonha de realizar os movimentos, com músicas empolgantes e motivadoras, além de aliar o prazer do exercício físico com a qualidade de vida.

O papel do professor vai além do exercício bem instruído, este deve construir um elo de ligação com a motivação, pois é através do professor que o aluno vai decidir se continua ou não a prática de exercícios, uma aula sem uma boa orientação, ou sem motivação, pode influenciar muito na escolha do aluno.

Para tanto, este profissional precisa de uma motivação pessoal, para que haja a ligação com seus alunos. É necessário compreender que o professor não tem a possibilidade de motivar uma turma de alunos, se algo está errado ou que o mesmo não esteja satisfeito. É preciso que a motivação venha de dentro.

Sendo o trabalho do professor de academia o foco do estudo, entendemos que toda a ação pedagógica visando o processo de ensino aprendizagem, cuja formação do sujeito para uma determinada área de conhecimento é o foco desta ação, é reconhecida neste estudo como trabalho pedagógico. No processo formativo do professor de academia, os saberes adquiridos na formação inicial e nas experiências no trato de sua área de atuação, desenvolvem neste trabalhador a necessidade de organizar pedagogicamente suas ações voltadas ao ensino. Neste sentido, o trabalho na academia de ginástica e musculação, frente a um grupo de alunos, deve ser desenvolvido por um professor, pois o responsável pelo processo de construção dos caminhos destinados ao ensino e aprendizagem do conhecimento só pode ser entendido como uma ação pedagógica (DUARTE; BOROWSKI; CONCEIÇÃO, 2012. p 3).

A motivação é uma força interior que se modifica a cada momento durante toda a vida, onde direciona e intensifica os objetivos de um indivíduo. Sendo

assim, a motivação é algo que se intensifica com a realização de algo produtivo, tanto na vida pessoal, profissional ou até mesmo financeira.

Ser professor, tem se mostrado menos atraente a cada ano. As precárias condições para o exercício da profissão, os baixos salários, a exigência da dedicação em mais de dois turnos ou em mais de um local de trabalho, têm contribuído para a maior depreciação dessa profissão, porém, com a certeza de que seus alunos confiam no seu trabalho e que lhe respeitam profissionalmente, esses professores estão sempre em busca de novos conhecimentos para repassá-los.

A partir do exposto, este trabalho contribui para o desenvolvimento profissional do pesquisador, tal como dos sujeitos a serem investigados. Buscaremos através desta, investigar a motivação no trabalho dos professores de ginástica, quais os fatores que interferem positivamente para que os mesmos permaneçam na regência de suas aulas.

O presente estudo versa sobre o tema: **Motivação de professores de educação física para permanência na regência de aulas de ginástica em academias.** Tendo como problema de pesquisa: **Quais os fatores que motivam os professores de educação física a permanecer na regência de suas aulas de ginástica?** Para responder tal problema, temos o objetivo geral: **Identificar os fatores que levam a motivação dos professores de educação física a permanecerem na regência de suas aulas de ginástica.** E os seguintes objetivos específicos: **Identificar qual motivo que levam os professores de Educação Física a optarem por trabalhar com ginástica de academia; Investigar quais as ferramentas pedagógicas que o professor usa para motivar seus alunos a permanecerem nas aulas; Identificar quais os fatores que desmotivam os professores a continuarem regendo suas aulas.**

Foi feita uma pesquisa de campo, do tipo descritiva aferente os colaboradores utilizando a entrevista como instrumento de coletas de dados.

Com base na revisão bibliográfica apresentada no trabalho e com os resultados adquiridos na pesquisa de campo, foi feita a análise dos dados para compreender quais são os fatores que motivam os professores a permanecerem nas suas aulas.

Esse projeto de pesquisa está organizado: em três capítulos, abordando os seguintes temas: Ginástica de Academia, onde abordo sobre a evolução e expansão das academias de ginástica no Brasil, em quais cidades elas surgiram e

como é esse programa de condicionamento físico. Seguido de outro tema que se refere a Formação de Professores, que é o motivo por escolherem essa profissão, como são vistos pela sociedade, as diferentes dimensões vistas pelo professor, que é a pessoal, a profissional e a organizacional. E o último capítulo que se trata da Motivação pessoal dos professores, como eles possuem essa motivação para transmitir aos seus alunos, a diferença entre motivação extrínseca e intrínseca e como a motivação pode ser entendida no espaço de trabalho/profissão.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Visando atingir os objetivos propostos neste estudo, apresenta-se a base teórica que fundamentará a pesquisa. Destacam-se os seguintes conceitos sobre professores de educação física, ginástica de academia e motivação.

Segundo Gressler (1983), é importante que o investigador fundamente teorias existentes, para que seja bem sucedida. A revisão propicia sugestões sobre métodos apropriados para coletar e analisar dados. Uma base teórica contribui para a competência profissional e para conhecimentos gerais do investigador, clarificando e definindo sobre a área investigada.

### 2.1 GINÁSTICA DE ACADEMIA

De acordo com Capinussú (2006, *apud* FURTADO, 2009), foi a partir de 1940 que o modelo de academias de ginástica que existe nos dias de hoje, (com base na ginástica, lutas e halterofilismo ou culturismo) tomou forma. Segundo o mesmo autor, antes deste período, as academias situavam-se principalmente nas grandes capitais brasileiras próximas ao litoral, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Bertevello (2006) relata que a partir da década de 50 há uma expansão das academias para outras capitais e para cidades de médio porte no interior do país. Este mesmo autor explica que, no ano de 1971, com o primeiro levantamento sobre as academias existentes no Brasil, apenas algumas capitais federais possuíam registros em órgãos da prefeitura.

O crescimento das academias e de seu público aconteceu através da concentração de capital e a divulgação do halterofilismo com filmes como os de Arnold Schwarzenegger e das competições de fisiculturismo.

Centrado essencialmente no halterofilismo e fisiculturismo e, em alguns casos, apresentando algumas modalidades de ginástica, como a calistênica e a presença de lutas como judô, caratê e boxe em menor proporção, porque em geral as academias de lutas eram especializadas. O predomínio nessa época eram as especializações com as academias de halterofilismo, as de ginástica, as de lutas, as de natação, embora a presença de mais de uma modalidade na mesma academia já começasse a aparecer (FURTADO, 2009. p. 11).

Sendo assim, aumentando o número de frequentadores e visto como um negócio lucrativo a partir do interesse pessoal de seus donos com a área, as academias do período da década de 80 já se firmavam mais claramente como um negócio visando o lucro.

Neste mesmo período, a organização do espaço físico e do trabalho do professor de ginástica foi se modificando devido a um novo impulso dado às academias de ginástica: a ginástica aeróbica, divulgada pela atriz Jane Fonda. Com a incorporação de variados ritmos musicais, ela traz um novo estímulo aos praticantes e passa a dominar a década de 80, sendo a ginástica aeróbica a mola propulsora das academias.

Nas décadas de 70 e 80, com o aparecimento do método Cooper, acontece a supervalorização do treinamento do componente cardio-pulmonar, que influencia a ginástica num contexto mundial, fazendo com que surjam novas propostas de trabalho voltadas para uma ginástica mais aeróbica. A partir daí tem grande aplicação nas academias, apresentando, posteriormente, formas diversificadas de alto e baixo impacto, influenciando, seguramente, a metodologia de ginástica de academia (NOVAES, 1996).

A partir da primeira academia surgiram muitas outras com trabalhos que, a médio e longo prazos, personificaram-se metodologicamente, fugindo totalmente aos modelos e métodos pré-concebidos então conhecidos (NOVAES, 1996).

A divisão do trabalho entre professores de musculação e de outras modalidades de ginástica, começou a ser incorporada às academias. Nessa época, ainda era comum o aluno optar por uma turma de ginástica, com horários e professor fixos. O aluno pagava pela aula de determinada modalidade. Aos poucos, as antigas salas de halterofilismo foram sendo reorganizadas a partir da fabricação de máquinas e outros instrumentos com tecnologias que facilitavam a utilização por pessoas que não tinham costume de treinar, garantindo maior segurança durante a execução. Foram, portanto, se transformando em salas de musculação (FURTADO, 2009, p.11).

Furtado (2009) acrescenta que, a partir da década de 90, começa a crescer a demanda pelos serviços oferecidos pelas academias de ginástica. O estabelecimento “academia” passa a romper com os laços de interesses dos donos pela área e foram transformando-se em empresas geridas a partir de teorias administrativas com o intuito fundamental de acumular capital.

A ginástica aeróbia é um programa de preparação física para todas as idades e níveis de condicionamento. É uma atividade composta de exercícios localizados, com movimentos locomotores simples e combinados.

O mercado de trabalho surge a todo o momento e exigem diferentes qualificações dos indivíduos. O processo histórico de profissionalização na educação física buscou estabelecer espaço no mercado de trabalho para a intervenção profissional inicialmente no âmbito escolar. Sendo assim, até a década de 70, analisa Barros (2006), que haviam poucas oportunidades de ocupações no campo das atividades físicas e esportivas, já que as academias de ginástica e outros setores só tiveram um incremento no Brasil a partir dos anos 1980. O mesmo ainda aponta que o espaço de intervenção do profissional de educação física ampliou-se junto com a evolução das necessidades da sociedade e do próprio conhecimento veiculado na área. No capítulo seguinte, veremos mais sobre a formação dos professores de Educação Física.

## 2.2 FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sobre os profissionais, professores de Educação Física, que atuam nas academias de ginástica, acontece o processo de reestruturação produtiva do setor de serviços, que também é observado no segmento do fitness, alcançando repercussões na organização do processo de trabalho e na constituição dos trabalhadores nele inserido. Destacando uma migração crescente dos trabalhadores da Educação Física para as academias, levando-o à precarização crescente do trabalho. A precarização atinge os professores já inseridos no mercado de trabalho, os que irão nele ingressar e os acadêmicos, que seriam assim formados segundo os padrões de uma nova precariedade.

A configuração do trabalho do professor de Educação Física segue um movimento no qual quem trabalhava em escolas e agora procuram novos espaços, tais como saúde, lazer, seguiram em busca de uma nova área. Com a secundarização da Educação Física, este componente curricular não se colocaria imediatamente funcional as novas demandas de formação do profissional. Partindo, assim, da noção de empregabilidade e empreendedorismo, vislumbrou-se a

possibilidade da atuação do profissional de Educação Física no campo das práticas corporais no meio não escolar, atendendo aos discursos da promoção de hábitos saudáveis com benefícios para a saúde, a qualidade de vida, a auto-estima e ao lazer (NEVES; TOURINHO, 2011).

Para Sacristán (1995), que entende por “profissionalidade” a afirmação do que é específico na ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor”, este conceito tem mais relação com a forma como o professor desenvolve a sua prática. Já Popkewitz (1995, *apud* FACCI, 2004), diz que profissionalidade “é uma palavra de construção social”, cujo conceito muda em função das condições sociais em que as pessoas a utilizam; tem relação com o modo como o termo profissionalização é usado no contexto propriamente sociopolítico, no qual a prática pedagógica se desenvolve.

Ambos os autores compartilham a ideia de que este conceito está em permanente elaboração. Diferentes grupos sociais, econômicos e culturais podem ter uma compreensão divergente em relação ao significado da profissão docente, pois esta é uma profissão socialmente partilhada. Portanto, esses autores evidenciam que não se pode afirmar que há um significado unânime quanto ao termo profissão.

Libâneo (1998 *apud* FACCI, 2004) mostra que é necessário resgatar a profissionalidade do professor, dar novo enquadramento às características de sua profissão na busca da identidade profissional.

Nóvoa (1995 *apud* FACCI, 2004) e Pimenta (1996 *apud* FACCI, 2004) propõem a formação de professores em três dimensões:

A pessoal – produzir a vida do professor articulando os processos de autoformação e a troca de experiência e saberes docentes;

A profissional – produzir a profissão docente por meio dos saberes da educação e da pedagogia;

A organizacional – produzir a escola concebendo-a como um ambiente educativo, onde o trabalho e a formação façam parte do mesmo processo.

Os estudos desenvolvidos por Nóvoa (1992), bem como aqueles por ele divulgados, trouxeram uma nova perspectiva aos estudos sobre os professores ao salientarem a influência da individualidade do professor no desempenho de sua profissão.

O processo identitário passa também pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa atividade, pelo sentimento de que controlamos o nosso trabalho. A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino, aqui estamos, nós e a profissão, e as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal (NÓVOA, 1995. p.17).

Segundo Facci (2004), é latente na nossa sociedade a desvalorização da escola e conseqüentemente do trabalho do professor. A sociedade capitalista não tem interesse em possibilitar a socialização do saber que desvende suas contradições, não tem interesse que os homens tenham consciência de sua condição de exclusão dessa sociedade e dos bens culturais.

No campo de estudos sobre a profissionalização, o ciclo de vida profissional de professores tem sido objeto de investigação. Esse tema foi pesquisado por Huberman (1995) que, baseando-se em um balanço dos estudos realizados sobre a vida profissional dos professores e sintetizando as conclusões a que chegou num trabalho de vários anos.

Huberman (1995, *apud* FACCI, 2004) baseia-se no princípio de que o desenvolvimento da carreira é um processo e não uma série de acontecimentos. Vai se construindo aprendizado, e criando experiências aos poucos.

Esse mesmo autor divide a trajetória docente em estágios e, embora afirme que esses não são lineares, existe uma tendência em seres seguidos. Especificamente com relação ao início da carreira, podemos dizer que dois destes estágios estão em uma fase mais inicial a) entrada da carreira e b) estabilização. Na fase da entrada da carreira, dentre as várias particularidades apontadas pelo autor, ressalta-se a exploração. Em meio a tantas novidades, o professor iniciante faz experimentações até encontrar as ferramentas adequadas para conseguir desenvolver a prática e atingir a segunda fase que é a estabilização. Nesta, destaca-se o momento em que o docente cria uma identidade e finalmente se vê com maior autonomia.

Segundo Mizukami (1996) Huberman optou pelo entendimento da carreira como um processo, sendo que objetiva estudar o percurso de um profissional, assim como compreender as características de desenvolvimento pessoal e profissional interferem nessa organização e são por elas influenciadas.



Além desse desenvolvimento profissional, existem autores que relatam e afirmam sobre os saberes docentes dos professores, onde afirma que são em parte aquilo que eram quando estudantes.

Tardif (2000) aponta que os saberes dos professores são, em parte, constituídos a partir da própria história escolar deles. Esse autor nos explica que antes mesmo de o professor escolher esta profissão, ele desenvolverá a ação docente, e então construí-se crenças e conhecimentos, que se manifestarão na prática profissional.

(...) provêm de diversas fontes. Em seu trabalho, um professor se serve de sua cultura pessoal, que provém de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior, ele também se apoia em certos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, assim como em certos conhecimentos didáticos e pedagógicos, oriundos de sua formação profissional, ele se apoia também naquilo que podemos chamar de conhecimentos curriculares veiculados pelos programas, guias e manuais escolares, ele se baseia em seu próprio saber ligado a experiência de trabalho, na experiência de certos professores e em tradições peculiares ao ofício de professor. (TARDIF, 2000, p.14).

Cada professor possui uma maneira de trabalhar e se expressar durante sua carreira, sendo que o modo de como o profissional trabalha, diz muito respeito com o que ele é como pessoa. No capítulo seguinte irei abordar sobre o tema motivação.

### 2.3 MOTIVAÇÃO

A palavra motivação vem do latim “motivus” relativo a movimento, coisa móvel. Vemos que a palavra motivação, dada a origem, significa movimento. Quem motiva uma pessoa, isto é, quem lhe causa motivação, provoca nela um novo ânimo, e ela começa a agir em busca de novos horizontes, de novas conquistas. A motivação pode ser definida como o conjunto de fatores que determina a conduta de um indivíduo. No campo clínico, quando se estudam algumas doenças, na educação, voltada para o processo de aprendizagem. Na vida religiosa, quando se tenta compreender o que motiva alguém a ter fé numa determinada crença. E, nas organizações, buscando obter um maior rendimento dos profissionais que formam o quadro de uma corporação. Para tudo que se faz, seja no trabalho, em casa, na

escola é preciso de uma “força”, uma “energia” para realizar tarefas (MURRAY, 1973).

Segundo Bergamini (1997), a motivação humana envolve um processamento cuja origem se faz dentro da própria vida psíquica do indivíduo. Constituído um fenômeno essencialmente psicológico. Neste âmbito, o termo motivação deriva do verbo latino *movere*, podendo ser definido como o aspecto dinâmico do comportamento para situações e objetos preferidos, sendo assim o processo responsável pela intensidade, animação e persistência dos esforços de uma pessoa para alcançar uma determinada meta ou objetivo.

Conforme o mesmo autor acrescenta ainda uma definição, a motivação tem conotação de movimento ou ação. Explicando ainda, que o termo motivação é comumente utilizado como sinônimo de forças psicológicas, impulsos, desejos, necessidades, instintos, intenção, vontade, entre outros. Sendo assim, os motivos ou necessidades são as molas propulsoras da ação.

A motivação é uma força, uma energia que nos impulsiona na direção de determinado objetivo ou tarefa, que nascem de nossas necessidades interiores. Quando ela acontece, as pessoas tornam-se mais produtivas, atuam com maior satisfação e produzem feitos multiplicadores.

Para Fiorelli (2004) a motivação origina-se em alguns casos de mecanismos de homeostase do corpo humano, destinados a regular o equilíbrio do meio interno, aqui se incluem o calor, a fome, o frio e a sede. É alguns ajustes fisiológicos indispensáveis a vida. Outra motivação encontra-se ligada a sobrevivência da espécie, como é o caso do sexo. Algumas teorias bastante conhecidas abrangem várias concepções sobre esse complexo e inesgotável tema.

O interesse na motivação não se limita aos psicólogos. Todos nós possuímos ideias particulares sobre o que faz as pessoas pulsarem de atividade e, de fato, uma concepção dessa natureza será necessária, por certo, para progredir na vida. Indagamos com frequência o que uma pessoa quer o que poderá influenciá-la, que é importante para ela. Um bom vendedor aprende quando deve apelar para a economia e quando ressaltar necessidades. Os conceitos motivacionais estão entretidos em muitas das nossas instituições sociais. É evidente, pois, que os nossos conceitos de motivação humana têm influências penetrantes em nossa vida. A questão é apurarmos até que ponto essas concepções são concretas. Tanto Hobbes como Locke argumentaram convincentemente em favor de suas respectivas

posições, embora possamos suspeitar de que as convicções políticas de ambos ditaram suas opiniões sobre a natureza humana (MURRAY, 1973).

A motivação cobre grande variedade de formas comportamentais. A diversidade de interesses percebida entre indivíduos permite aceitar, de forma razoavelmente clara, que as pessoas não fazem as mesmas coisas pelas mesmas razões. É dentro dessa diversidade que se encontra a principal fonte de informações a respeito do comportamento motivacional, alguns funcionários, por exemplo, sentem-se mais motivados quando percebem que as recompensas são distribuídas de acordo com o critério de desempenho. Quando existe um líder, as pessoas trabalham unidas por um objetivo em comum, mantendo os colaboradores motivados, por sentirem-se parte do processo, dão o melhor de si e conseguem melhores resultados, por vezes, excepcionais (BERGAMINI, 1997).

Segundo Bergamini (1997) as diferentes necessidades que coexistem no interior de cada um são comparadas aquilo que também se denomina de desejos ou expectativas e têm como origem carências dos mais diferentes tipos, sendo eles no comportamento das pessoas, no caráter, ou na própria motivação interna de cada ser humano.

### **2.3.1 Teorias da Motivação**

Em relação à motivação, existem quatro teorias que os autores defendem, o qual são:

Teoria cognitiva – A mais antiga opinião sobre o homem é de que se trata, essencialmente, de um ser racional. Tem desejos conscientes e usa as suas capacidades para satisfazê-los. Essa foi a ideia básica dos antigos filósofos, como Platão e Aristóteles. Essa teoria enfatiza o seguinte pensamento: Uma pessoa pensa naquilo que quer e trata de imaginar os meios para obtê-lo.

Teoria hedonista - Interligada com as formulações filosóficas sobre a razão e vontade do homem, estava uma segunda ideia – a de que o homem procura o prazer e evita a dor e o sofrimento.

Teoria do instinto – O verdadeiro início das teorias científicas de motivação foi devido a teoria da evolução de Darwin. Pensava Darwin que certas ações “inteligentes” são herdadas. Delas, as mais simples são os reflexos.

Teoria do impulso – O conceito mais predominante no campo atual da motivação é o de impulso. Esse conceito foi apresentado em 1918 por Robert S. Woodworth para descrever a “energia” que impele um organismo á ação, em contraste com os hábitos que orientam o comportamento em uma direção ou em outra.

Segundo Murray (1973) diferentes teóricos têm diferentes concepções sobre motivação. Não obstante, há acordo geral em que um motivo é um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa. Não é diretamente observado, mais inferido do seu comportamento ou, simplesmente, parte-se do princípio de que existe a fim de explicar-se o seu comportamento. A motivação distingui-se de outros fatores que também influem no comportamento, tais como a experiência passada da pessoa, suas capacidades físicas e a situação ambiente em que se encontra, sendo que esses fatores possam influenciar a motivação.

Alguns psicólogos acrescentam que a motivação inclui também um desejo consciente de obter algo. A isto se chama uma carência, por vezes. Um desejo ou carência está relacionado com a função seletiva de finalidades que compete aos motivos. Contudo, outros psicólogos acreditam ser um desejo ou carência algo excessivamente subjetivo para ter qualquer valor científico. Aceitaria, simplesmente, o relato verbal dos sentimentos íntimos de uma pessoa como um aspecto do comportamento que é influenciado pelo motivo inferido (MURRAY, 1973).

Haveria motivos capazes de, em determinadas circunstâncias, adquirir sobre os demais uma predominância tal que passassem a orientar o indivíduo para certos objetivos, outros, menos intensos, raramente atingiriam graus tão elevados de dominância na determinação do comportamento (ANGELINI, 1973).

Há a considerar o problema das diferenças individuais: certos motivos são mais intensos em alguns indivíduos, outros em outros, na dependência da personalidade de cada um e das experiências que cada qual tenha tido. Além disso, vários indivíduos podem realizar a mesma atividade, animados por motivos diferentes, é possível igualmente, ocorrer o inverso, isto é, agirem os indivíduos diferentemente, embora a situação motivadora seja a mesma.

Entretanto, na maior parte das vezes o comportamento humano não é o resultado da ação de um único motivo, e nem de um pensamento, mas sim de um complexo motivador presente a cada momento no indivíduo e suscetível de alterações, em função da predominância de uns ou de outros motivos (ANGELINI, 1973).

O estudo da motivação no homem, através de situações de aprendizagem, é também limitado: as averiguações do efeito de certos incentivos sociais sobre os resultados ou sobre a persistência, em situação de aprendizagem, dizem mais, talvez, do próprio processo da aprendizagem, do que da motivação em si mesma (ANGELINI, 1973).

Segundo Franco (2000), existe dois diferentes tipos de motivação, a intrínseca e a extrínseca. Como a própria palavra diz, “intrínseca” se refere a algo interno, parte íntima, inseparável. A motivação intrínseca, então, é aquela razão, aquele motivo, que vem de dentro da pessoa. Ela gosta de fazer determinada coisa por uma razão interna, seria como um desejo que brotasse do interno. Os motivos extrínsecos são o contrário, eles vêm de uma necessidade externa a pessoa. A razão pela qual se faz algo é apenas um meio para se alcançar outro objetivo maior. A ação em si não satisfaz e sim o que decorre dela.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo abordaremos os aspectos metodológicos da pesquisa, apontando a característica da investigação, os sujeitos escolhidos para aplicação do instrumento de coleta de dados, e o formato para o tratamento e apresentação dos resultados.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O estudo caracteriza-se como pesquisa de campo, sendo de abordagem qualitativa, e análise descritiva, onde:

Descrever, explicar, interpretar e compreender os variados elementos da experiência de como ela é vivida pelo sujeito investigado, caracteriza e fundamenta o caminho pretendido, através da generalização naturalista dos dados, ou seja, o ambiente de pesquisa não tem sua organização específica de uma coleta, mas penetra no mundo dos sujeitos investigados, em seus espaços de relações, em seu universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes (SILVA, 1996 p. 31).

Para Negrine (2004) a base analógica desse tipo de investigação se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada.

Os métodos de investigação qualitativa pressupõem uma abordagem diferenciada também no que se refere aos instrumentos de coleta de informações. Esses devem ser elaborados dentro de outra perspectiva, que não aquela que se serve de modelos matemáticos (NEGRINE, 2004).

Outro fator importante dessa pesquisa, classificada como qualitativa, é observar que a pesquisadora não faz uma descoberta, e sim uma construção do conhecimento a partir da reflexão e análise do fenômeno estudado. Uma das linhas mestras que norteiam esse paradigma se sustenta na crença de que um sentido comum não é possível. Isso significa que as consequências produzidas a partir do processo investigatório se traduzem em hipótese de trabalho, que se refere a um contexto particular (NEGRINE, 2004).

A pesquisa descritiva descreve os fatos e aspectos presentes em uma determinada população ou área de interesse. Identificar problemas e justificar condições, comparar e avaliar o que estão desenvolvendo, visando clarear situações para futuros planos e decisões (GRESSLER, 1983).

### **3.2 COLABORADORES DA PESQUISA**

O estudo contou com 04 professores já formados em Educação Física, regularizados pelo CREF (Conselho Regional de Educação Física) e que estão ministrando aulas de ginástica há mais de 5 anos, ou seja, professores que já passaram pela fase inicial da carreira. Segundo Nóvoa (1992) existem fases da carreira entre elas de “exploração” e de “estabilização”, que supostamente se verificam no início de uma carreira. A exploração consiste em fazer uma opção provisória, em proceder a uma investigação da profissão. Se esta fase for globalmente positiva, passa-se a uma fase de estabilização, ou de compromisso, na qual as pessoas centram sua atenção no domínio das diversas características do trabalho. A partir deste tempo de atuação, os professores já passaram pelo processo inicial da carreira.

### **3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO**

Os indivíduos participantes da pesquisa teriam que estar obrigatoriamente regularizados pelo CREF. Formados em Educação Física. Serem professores de ginástica há mais de 5 anos.

### **3.4 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS**

Para conseguir respostas, e uma melhor interpretação nos resultados finais foi realizado uma entrevista semi estruturada (apêndice 1) direcionadas ao tema principal.

Segundo Negrine (2004) a entrevista significa encontro combinado, marcado entre pessoas para ocorrer em lugar previamente determinado. Diz

respeito ainda á prestação de informações ou de opiniões sobre determinada temática, feita de forma oral, pelo entrevistado.

Para Cohen e Mañion (1990 *apud* NEGRINE, 2004), as entrevistas como ferramentas de investigação, abrangem desde “entrevistas formais”, ou seja, um conjunto de perguntas, passando pelas entrevistas “menos formais”, nas quais o entrevistador fica com maior liberdade para modificar a sequência das perguntas, alterarem a redação, explicá-las ou ampliá-las, até as entrevistas completamente “informais” apresentadas como conversação, sem seguir qualquer roteiro.

Neste trabalho utilizamos a entrevista semi-estruturada, ou seja, quando o instrumento de coleta está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador, e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa, podendo acrescentar algo mais no roteiro (NEGRINE, 2004).

### **3.5 VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO**

O instrumento utilizado na pesquisa, ou seja, a entrevista foi validado por três professores da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

### **3.6 PROCEDIMENTO DA PESQUISA**

Para essa pesquisa, foi enviado ao CREF uma solicitação dos nomes e telefones das academias credenciadas da cidade de Criciúma.

Foram realizadas ligações para cada academia e perguntado se havia ginástica na mesma. Se sim, foi solicitado através da secretária para falar com o professor responsável pela ginástica. Alguns foram conseguidos na hora e outros pedidos autorização para me passar o número do telefone pessoal.

Em outro momento liguei para cada um e expliquei do que se tratava. Falei que estava realizando o trabalho de conclusão de curso e que o tema era sobre motivação dos professores de ginástica a permanecerem regendo as suas aulas, e por esse motivo covidei-lhes para fazer parte dos meus colaboradores.



Consegui quatro colaboradores e todos aceitaram participar. Peguei o telefone de cada um deles e liguei, marcando o melhor lugar e horário.

Ao encontrar cada um, fiz uma apresentação e entreguei o termo de consentimento livre e esclarecido. Expliquei que seria uma entrevista e que poderiam se sentir bem à vontade com as respostas. Informei também que eu iria usar um gravador durante a conversa para depois conseguir transcrever e fazer a análise dos dados. Ao terminar a entrevista, expliquei que seus nomes e a gravação ficaria sob sigilo absoluto e agradei por eles terem colaborado com esta pesquisa.

Foram entrevistados quatro professores de ginástica onde os mesmos possuem mais de cinco anos de profissão exercida. Para conseguir identificar quais os motivos levaram eles a trabalharem com ginástica, foi realizado uma entrevista com cada um deles, sendo que algumas respostas coincidem.

Os professores foram visitados nas academias de ginástica e foi aplicado a entrevista de caráter semi-estruturada, e com a permissão dos mesmos aconteceu a gravação das perguntas, para que no fim conseguisse registrar os resultados.

### **3.7 TRATAMENTO DOS DADOS**

Tendo em vista conhecer os colaboradores do presente estudo e como forma de identificar os mesmos garantindo o sigilo das informações, me embasei nas afirmações de Ludke e André (1986) que apontam o uso de nomes fictícios no estudo como medida normalmente utilizada para manter o anonimato dos respondentes.

Assim, os nomes dos colaboradores foram trocados por outros para garantir que suas identidades fossem preservadas.

Os dados do estudo foram coletados através de uma entrevista semi-estruturada com cada colaborador da pesquisa, sendo gravadas e transcritas. Após as transcrições as respostas foram analisadas e categorizadas para serem descritas no corpo deste relatório de pesquisa.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

No decorrer da pesquisa procuramos entender um pouco do que se passa no pensamento de cada professor. Segundo o resultado da pesquisa, todos são formados no curso de educação física e ministram aulas há mais de 5 anos. Foi realizado a entrevista para responder e compreender aos objetivos específicos da pesquisa, sendo eles: Motivos que levam os professores de Educação Física a optarem por trabalhar com ginástica de academia; Investigar quais as ferramentas pedagógicas que o professor usa para motivar seus alunos a permanecerem em suas aulas; Identificar quais os fatores que desmotivam os professores a continuarem regendo suas aulas. Após as entrevistas foi conseguido alcançar o objetivo que seria responder todas essas perguntas. No capítulo a seguir vamos analisar e comentar as respostas dos entrevistados sobre o motivo que levam os professores a optarem por trabalhar com ginástica.

### 4.1 Motivos que levam os professores de Educação Física a optarem por trabalhar com ginástica de academia.

Muitos são os motivos determinantes na escolha de uma profissão, alguns são determinados por uma motivação pessoal, a partir de um histórico de vida em que as experiências do indivíduo conduzem-no para determinado campo de conhecimento/ação, outros são determinados a partir de uma necessidade do indivíduo ou pelas condições impostas pela sociedade que aproveitam tal oportunidade e agarram-se a ela procurando satisfazer suas aspirações e anseios (BOROWSKI, 2010).

Os entrevistados, quando perguntados sobre os motivos da escolha para trabalhar com ginástica apresentaram os seguintes motivos: “IDENTIFICAÇÃO/INTERESSE”, “INFLUÊNCIA DE OUTRAS PESSOAS”, “SER PRATICANTE” e “PAIXÃO PELA MODALIDADE”.

Para o entrevistado **Pedro**, houve uma “IDENTIFICAÇÃO E INTERESSE” por parte pessoal, para trabalhar na ginástica como relata na entrevista:

*“Por me identificar tanto com a ginástica. Quando eu vi a aula de um professor, eu de cara me identifiquei, e depois daí fui fazendo cursos e me interessando realmente pela área da ginástica”.* Entrevistado Pedro.

Para **Carol e Pedro**, a profissão de professor de ginástica também iniciou-se através da “INFLUÊNCIA DE OUTRAS PESSOAS”, elas que conseguiram motivar os entrevistados a entrar na carreira de professor de ginástica. Sendo as palavras dos entrevistados:

*“Um ex professor que dava aula na academia que começou a me ensinar e em 30 dias eu assumi o lugar dele, não sabia que ele ia sair, e há 20 anos atrás não tinha muitas opções, então escolhi a ginástica”.* Pedro.

*“Quando voltei pra cá (Criciúma) eu entrei na Corpus, e uma amiga dava aula lá, ela que me deu uma pilha assim, começa olha a quantidade de aula que tu faz, faz o curso de RPM, que só com as aulas tu paga tua faculdade, na época era mais barato”.* Carol

Ambos os entrevistados tiveram a mesma motivação, de serem influenciados por uma segunda pessoa. Isso corrobora com a ideia do autor, ROBERTSON *et al.* (1992, p.8) que destaca que:

“As pessoas têm diferentes necessidades, desejos e metas e propõem que as pessoas são organismos que tomam decisões e que continuamente (embora não necessariamente conscientes) tomam decisões a respeito da vida e aspectos relacionados ao trabalho”.

Para muitos, a entrada na carreira nem sempre é uma opção fácil, necessita de uma boa escolha, de paciência para aprender e conseguir seguir seu próprio caminho sozinho. Para a profissão de professores existe ainda um fator mais importante, que é o choque com a realidade.

**Aline**, relata na entrevista como foi o início da sua carreira:

*“O processo inicial foi quando eu comecei substituindo a professora era uma aluna boa, aí tomei gosto pela coisa.”* Aline.

Porém explica que o início da carreira não foi fácil, sendo que teve que ter paciência no processo pedagógico de aprendizagem como citam os autores Alvarez, Blanco, Aguado e Ruíz (1993). A falta de formação prática e os excessivos conhecimentos teóricos fornecidos nas instituições de formação inicial de professores é fator do choque com a realidade do professor em início de carreira (JESUS; SANTOS, 2004).

A construção de identidades passa sempre por um processo complexo graças ao qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional (DIAMOND, 1991 *apud* NÓVOA, 1992). É um processo que necessita de tempo. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças.

Neste contexto, os professores recém formados ou iniciantes são o grupo mais frágil e que requer uma atenção e um acompanhamento especial. O que se constata é que esses professores têm tido muito pouco apoio nessa fase de transição da condição de aluno para recém-professor (FREITAS, 2002 *apud* GARIGLIO, 2012)

Para **Bia**, tudo começou pelo fato de gostar de esporte, “SER PRATICANTE” da modalidade e ter sido atleta. Em sua conversa com o pesquisador ela relata que quando criança teve uma doença, e a cura se resolveria com o esporte.

*“Eu sempre gostei muito de esporte, eu tinha artrite reumatóide juvenil, quando tinha 12 ou 13 anos na verdade eu era manca de uma perna e o que me curou, foi praticar esporte”.* Bia.

Para **Aline**, existe ainda um motivo maior que levou ela a optar por trabalhar com ginástica, que é a “PAIXÃO PELA MODALIDADE”. Relata com muita certeza de que era e ainda é muito apaixonada pelo que faz, que é trabalhar na área da ginástica.

*“Porque eu amo, tenho paixão”.* Aline.

Segundo Hurtado (1983) todos nós, muitas vezes, sentimo-nos compelidos ou levados a nos comportar de determinado modo, ou a desejar intensamente alguma coisa a fim de conseguirmos atingir certos objetivos. Geralmente atribuímos esses impulsos à motivação, encarada como uma espécie de força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas ações mais importantes (BOROWSKI, 2010).

Pode-se observar, que os quatro entrevistados tiveram a motivação por serem influenciados por outra pessoa, ou por começar substituindo outro professor e então assumir o lugar. A parte que relatam que são apaixonados pela ginástica diz muito a respeito de já estarem na carreira e então poderem afirmar o gosto pela modalidade. Podemos concluir então, que não existe a vontade própria de iniciar na carreira, e sim uma segunda pessoa sempre incentivando, mostrando o caminho.

#### **4.2 Motivos que levam os professores a permanecer regendo aulas de ginástica.**

Na entrevista também foi questionado quais os motivos que levam os professores de ginástica a permanecer regendo suas aulas, para conseguir entender melhor essa etapa eles relatam alguns motivos, tais eles: “EXPRESSÃO DOS ALUNOS/ESTAREM BEM”, “TRABALHAR COM EMOÇÃO” e “SENTIR-SE BEM INTERNAMENTE”.

A entrevistada **Aline**, relata que o principal motivo que faz ela ter essa paixão toda pela ginástica, é perceber a “EXPRESSÃO DOS ALUNOS”, coincidindo com **Pedro**, que também afirma que seu melhor motivo de permanecer regendo as aulas é ver o retorno dos alunos.

*“É o amor, eu perceber que minhas alunas estão bem”. Aline*

*“O que me motiva mais do que a minha paixão é a expressão dos meus alunos, é o olhar de cada um deles, o sorriso de cada um deles, é a emoção que eles passam”. Pedro*

**Pedro**, ainda afirma que ginástica é “TRABALHAR COM EMOÇÃO”, é gostar do que se faz. E isso ajuda a se motivar cada vez mais.

*“Trabalhar com ginástica é emoção pura, e isso realmente é mais uma mola propulsora”.* Pedro

Nessa etapa da entrevista, houve uma entrevistada que após alguns anos de profissão exercida se sente bem desmotivada, perguntei a ela o que mais lhe motiva, e ela me respondeu claramente: *“Nada.”* Entrevista Carol.

Por outras palavras, pôr-se em questão corresponderia a uma fase, ou várias fases da vida, durante a qual as pessoas examinam o que terão feito da sua vida, dos objetivos e ideais dos primeiros tempos, e em que encaram tanto a perspectiva de continuar o mesmo percurso como a de se embrenharem na incerteza e, sobretudo, na insegurança de outro percurso (HUBERMANN, 1992).

Para Nóvoa (1992) visivelmente, trata-se de uma fase com múltiplas facetas, de tal modo que pretender fazer-lhe corresponder uma definição redutora se torna tarefa difícil, se não mesmo ilegítima. Para uns, é a monotonia da vida quotidiana em situação de sala de aula, ano após ano, que provoca o questionamento. Para outros, é muito provavelmente o desencanto, subsequente aos fracassos das experiências ou das reformas estruturais em que as pessoas participaram energicamente, que desencadeia a “crise”.

Existe ainda, para uma das entrevistadas uma motivação interna. **Bia** explica que a ginástica proporciona a ela uma sensação de prazer de “SENTIR-SE BEM INTERNAMENTE” e é isso que faz ela levantar todos os dias e se sentir motivada para as aulas.

*“Me vencer internamente, acho que vencer internamente é conseguir manter o linear do equilíbrio da tua vida e através das rotinas sendo ginástica ou outra coisa dentro da academia que tu precisa cumprir, é uma forma de tu vencer internamente”.* Bia

**Bia** ao falar sobre sua motivação interna segue a linha de pensamento dos autores Eccles e Wigfield (2002), a motivação intrínseca é bastante evidente quando o indivíduo realiza uma determinada atividade simplesmente pelo prazer em realizá-la, de forma desapegada. As pessoas intrinsecamente motivadas fazem uma

atividade porque estão interessadas apenas em usufruir da própria atividade (ENGELMANN, 2010).

Segundo Ryan e Deci (2000) está relacionado com a uma tendência natural para buscar novidades e desafios, bem como para obter e exercitar as capacidades da pessoa. Para eles, a motivação intrínseca é o fenômeno que melhor representa o potencial positivo da natureza humana, sendo essencial para o desenvolvimento cognitivo e inserção social (ENGELMANN, 2010).

Conseguimos observar aqui, os diferentes tipos de motivação que levam os professores a permanecer regendo suas aulas. A maioria deles usa a própria motivação percebendo que seus alunos estão sentindo prazer em realizar sua aula, que estão satisfeitos, que estão sorrindo.

Outra entrevistada foi mais além, ela nos diz que se sente muito melhor internamente nesta profissão e que sente falta quando se afasta por alguns dias. E por fim, temos uma entrevistada que está pensando em desistir da carreira, totalmente desmotivada.

Sobre o início da carreira, existe o aspecto da descoberta, ou seja o entusiasmo inicial para o profissional.

Para os colaboradores da pesquisa também foi perguntado **qual a ferramenta pedagógica eles usam para que os alunos não desistam e permaneçam nas aulas**. Os quatro entrevistados seguiram a mesma linha de pensamento, porém com diferentes respostas eles ressaltaram as que mais são importantes na opinião deles. “MUSICALIDADE”, “COMANDO”, “RITMO”, “INTIMIDADE” e “AULA DINÂMICA”.

De acordo com o **Pedro** e **Aline**, o que não pode faltar em suas aulas é a MUSICALIDADE e o COMANDO, sendo que a musicalidade diz muito a respeito da contagem musical e batida da música. Já o comando, é conseguir passar as informações com tamanha segurança, conseguindo antecipar a fala sobre a coreografia.

Entre **Pedro** e **Aline** houve uma ferramenta que foi diferente, para **Pedro** uma das ferramentas pedagógicas que também não pode faltar é o RITMO.

*“Eu não acredito que o professor consiga conduzir uma turma de forma rítmica, ou seja que tu não tenha o ritmo musical”. Pedro*

Já a ferramenta para **Aline** é a motivação, que segue com a linha de pensamento:

*“Tem que ter motivação e alegria, professor não pode estar de mal humor”.*

Para os autores, Telfer e Swan (1986, p.42) “o problema da motivação do professor se situa no preenchimento de necessidades de alta ordem em uma profissão onde os padrões de carreira podem ser limitados”. O estabelecimento de metas em termos de resultados quantificáveis é difícil e o grau de manutenção dos procedimentos nas atividades rotineiras da escola podem ser uma verdadeira fonte de frustração. O resultado, portanto, é que a natureza do trabalho do professor em si próprio pode emergir como a principal fonte de satisfação no trabalho (MOREIRA, 1997).

**Carol** e **Bia** seguem acreditando que existe duas ferramentas que são fundamentais em suas aulas, uma é a AULA DINÂMICA, e a outra intimidade. Ambos afirmam que precisam sempre mudar suas aulas, sair da rotina, encorajar os alunos a se desafiarem e ter prazer do que estão fazendo, sendo assim constroem uma aula bem dinâmica.

**Carol** segue usando essas palavras;

*“A aula na ginástica tirando a bike, fazer com que ela seja a mais dinâmica possível”. Carol*

Para tal comparação com **Bia** que relata,

*“Muita didática de construção de rotina, o aluno precisa vir para aula e precisa fazer a aula, pra isso ela precisa ser dinâmica”. Bia*

Os professores, nesta fase das suas carreiras, seriam assim, os mais motivados, os mais dinâmicos, os mais empenhados nas equipes pedagógicas ou nas comissões de reforma que surgem (NÓVOA *apud* HUBERMANN, 1992, p. 42).



Para a outra, a ferramenta é a INTIMIDADE, eles deixam bem claro como é essa intimidade.

**Carol** relata sua intimidade com os alunos de tal forma:

*“Intimidade, a gente tem que saber o limite da intimidade pra gente não sobrecarregar levar o emocional junto e acabar ferrando tudo, mas a gente tem que dar um pouquinho de abertura em troca”.*

E a **Bia** explica que deixa bem claro para suas alunas o seguinte pensamento:

*“Eu divido com elas momentos de vidas meus, coisas bobas do dia a dia. A minha ferramenta principal é mostrar pra elas que somos iguais, a única questão é que eu sou a professora e elas as alunas, mais no resto somos iguais”. Bia*

Para a maioria dos entrevistados, a questão de saber o limite da intimidade faz com que a interação em relação aluno/professor se torne muito proveitoso na aula. Existem fatores que levam os professores a se desmotivarem e até mesmo desistir da carreira. A seguir alguns desses fatores relatados pelos entrevistados.

#### **4.3 Fatores que levam os professores que trabalham com ginástica a se desmotivarem.**

Em meio a pesquisa, consegui observar vários fatores que deixam os professores motivados com seu trabalho. Porém descobri que alguns encontram-se bem desmotivados, e é assim que relato aqui alguns desses. A falta de motivação pode-se dizer através de “REMUNERAÇÃO”, “FALTA DE RECONHECIMENTO”, “PROFISSIONAIS TRABALHANDO DE FORMA IRREGULAR” e “FALTA DE CULTURA SOBRE A GINÁSTICA”.

**Pedro** explica que hoje em dia é muito mais fácil para o professor trabalhar com musculação ou com aulas de personal trainer, além de ganhar bem mais a hora/aula o desgaste físico é bem menor.

*“Eu poderia dizer assim, que o que desmotiva hoje pra mim como também acredito que a maioria dos professores, é o aspecto financeiro. Pra mim a remuneração é desmotivante, apesar de não ser o fator determinante, mas influência.”. Pedro*

Para **Carol**, esse fator é o que hoje mais desmotiva, fazendo até mesmo com que ela repense sobre a profissão, confessando que pensa em parar de dar aula. Relata entristecida também sobre a “FALTA DE RECONHECIMENTO” com o profissional.

*“Remuneração, falta de reconhecimento, não adianta vim só com elogios, elogios não paga conta”. Carol*

Nota-se com essa resposta, que os sintomas de tal atitude podem ir desde uma ligeira sensação de rotina até uma “crise” existencial da carreira. Para um outro perfil, nota-se o desenvolvimento progressivo de uma sensação de rotina a partir da fase de estabilização, sem que as pessoas passem por uma atividade inovadora significativa (NÓVOA *apud* HUBERMANN, 1992, p. 42).

São diversos os autores que consideram que, com o passar dos anos, os professores diminuem a sua entrega e envolvimento profissional, acusando os efeitos negativos do seu clima de trabalho, entre eles Alves (1994) e Jesus e Santos (2004).

Como pano de fundo, todavia, temos a intervenção do momento da carreira. Ou seja, trata-se, em termos não muito precisos, do “meio da carreira”. Em vários estudos, a questão explicitamente posta pelas pessoas consiste em fazer o balanço da sua vida profissional e em encarar a hipótese, por vezes com algum pânico, de seguir outras carreiras, durante o pouco tempo que ainda é possível (NÓVOA *apud* HUBERMANN, 1992, p. 43).

Ver outros “PROFISSIONAIS TRABALHANDO DE FORMA IRREGULAR”, cobrando preços injustos, desvalorizando aqueles que estudaram e dedicaram-se para trabalhar de forma correta. Para **Aline**, esta é a parte que mais lhe desmotiva.

*“O que mais me desmotiva hoje em dia é ver outros profissionais fazendo porcaria, tirando aula da internet. Em vez de o pessoal se unir pra ganhar mais, trabalham de forma errada”.*

Já para **Bia**, ela fala muito desmotivada sobre a “FALTA DE CULTURA COM A GINÁSTICA” e explica como é seu pensamento em relação a isso. Muitas pessoas pensam e acreditam que o exercício para ser bom, precisa de máquinas, de pesos absurdos. E ela defende a ginástica nesse ponto de vista, pessoas tem medo de fazer e conhecer uma aula de ginástica, onde os alunos se entregam realmente, sentem prazer em fazer o exercício comandado pelo professor. A interação em relação aluno/professor é muito maior. Para **Bia**, a ginástica está evoluindo muito, porém ainda é essa falta de cultura que a desmotiva.

*“A falta de cultura. A visão da cultura da ginástica, é isso que me desmotiva”. Bia*

Contudo, pode-se perceber que para os entrevistados existe a desmotivação. Sendo que isso ocorre pela falta de reconhecimento, remuneração, falta de cultura e até mesmo ver outros profissionais trabalhando de forma irregular. Para Carol, a desmotivação é tanta que ela afirma que irá parar sua carreira na ginástica. Para os demais esses fatores desmotivantes influenciam, mas não é o fator determinante e jamais pensam em desistir.

## 5 CONCLUSÃO

Ser professor nunca foi e talvez nunca será uma tarefa muito fácil. Esse trabalho abordou uma questão que envolve a profissão de professor e a motivação dos mesmos. Demonstra que a motivação é um fenômeno complexo e se constitui com a própria razão de ser professor. Após a entrada na carreira, depois de muitos anos vivenciando a profissão, existem fatores que os desmotivam.

A pesquisa contou com 04 professores formados em Educação Física, sendo 03 mulheres e 01 homem, todos trabalhando com ginástica há mais de 5 anos. Partindo dos objetivos desta pesquisa chegou-se as seguintes conclusões. Constatou-se com as respostas dos entrevistados que os mesmos optaram pela ginástica pelo fato de terem sido influenciados por outra pessoa. A partir desse momento, começaram a se identificar e se tornarem apaixonados por essa profissão.

Atualmente, o que deixa esses professores ainda motivados, é exclusivamente a paixão pela ginástica, o retorno que eles recebem dos alunos, proporcionar as outras pessoas a auto estima, o sorriso, a satisfação pessoal, o bem estar. Ou seja, a satisfação de ver seus alunos bem.

Para as suas aulas, todos usam as chamadas ferramentas pedagógicas, são com elas que eles cativam os alunos e fazem com que eles permaneçam nas aulas. Todos os professores ressaltaram as mesmas ferramentas sendo que cada um deu ênfase na que acha mais importante, são elas: musicalidade, ritmo e intimidade.

Por fim, existe ainda o fator da desmotivação dos professores, sendo que a resposta da entrevistada Carol, significou muito, simplesmente está desmotivada e irá abandonar a carreira da ginástica. Todos citaram o aspecto financeiro como fator desmotivante, porém amam o que fazem e continuarão na profissão, menos Carol que encerrará o ano se despedindo dessa área.

Ao término dessa pesquisa entendemos que a questão da desmotivação, ainda merece maiores aprofundamentos. Talvez seria interessante a continuação deste trabalho, pois percebemos que os professores estão bem desmotivados e seria proveitoso saber mais a fundo, o que os gestores pensam; porque a falta de reconhecimento com esses profissionais; qual seria o preço justo para a aula de

ginástica; como conseguir motivar os proprietários de academia a valorizarem esses professores e essa aula que está voltando com tudo na área do fitness.

Apesar de ter encontrado algumas respostas que não são tão positivas em relação a motivação dos professores, este fato não nos desmotivou continuar pesquisando o tema, pelo contrário, nos deixou ainda mais curiosos e com vontade de prosseguir na pesquisa, ou ainda por meio da prática efetiva na área tentar melhorar a visão que se tem sobre a ginástica de academia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELINI, A. L.. **Motivação humana: o motivo da realização**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973.

ALVAREZ, C.; BLANCO, J.; AGUADO, M.; RUÍZ, A. et al. **Revisión teórica del burnout: O desgaste profesional en trabajadores de la docencia**. *Caesura*, Canoas, n. 2, v. 2, p. 47-65, 1993.

BARROS, J. M. C. **Profissão, regulamentação profissional e campo de trabalho**. In: \_\_\_\_\_ SOUZA, L., 2006.

BERGAMINI, C. W. **Motivação nas organizações**. 4. ed São Paulo: Atlas, 1997. 214 p.

BERTEVELLO, G. **Academias de ginástica de condicionamento físico – Sindicatos & associações**. In: DA COSTA, Lamartine (Org.). Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

BOROWSKI, E. B. V. **Profissionais do lazer: concepções e fontes de saberes que orientam suas práticas**. 2010. 79 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma – SC.

DUARTE, S. A.; BOROWSKI, E. B. V.; CONCEIÇÃO, V. J. S. **Trajetória docente de professores de ginástica de academia na fase de entrada na carreira**. In: II Congresso Internacional de Formação Profissional em Educação Física; VI Seminário de Estudos e Pesquisa em Formação Profissional no Campo da Educação Física, 2012, Florianópolis-SC. Anais do II Congresso Internacional de Formação Profissional em Educação Física; VI Seminário de Estudos e Pesquisa em Formação Profissional no Campo da Educação Física. Florianópolis, 2012. v. 1. p. 1566-1577.

ECCLES, J. S. WIGFIELD, A. Motivational beliefs, values and goals: learning and performance in educational settings. **Annual Review of Psychology**, v.53, p.109-132, 2002.

ENGELMANN, E. **A Motivação de alunos dos cursos de Artes de uma Universidade Pública do norte do Paraná**. Londrina, PR. 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação, Comunicação e Artes – Departamento de Educação, Universidade Estadual de Londrina.

FACCI, M. G. D. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor: um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana** – Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

FIORELLI, J. O. **Psicologia para administradores: integrando teoria e prática**. 4.ed São Paulo: Atlas, 2004.

FURTADO, R. P.. **Do fitness ao wellness: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica.** Pensar a Prática, Vol. 12, No 1. 2009.

FRANCO, G. S. **Psicologia no esporte e na atividade física.** São Paulo: Manole, 2000. 206 p.

FREITAS, Maria N. de C. **Organização escolar e socialização profissional de professores iniciantes.** Cadernos de Pesquisa, no. 115, São Paulo, 2002.

GRESSLER, L. A. **Pesquisa Educacional: Importancia, Modelos, Validade, Variaveis, Hipoteses, Amostragem, Instrumentos.** 2ª São Paulo: Loyola, 1983.

GARIGLIO, J. A.; ROCHA, B. G.; REIS, C. G. ; LAGUARDIA, C. N.; PAULA, J. A. D.; BRESTAS, P.; SALGADO, E.; SALOME, F. **Professores de Educação Física e a Entrada na Profissão Docente: Uma Iniciação a Docência Singular?** Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). In: III Congresso Internacional sobre Profesorado Principiante e Inserción Profesional a la Docencia. Santiago de Chile. 29 – fev. a 2 mar. 2012.

HUBERMAN, M. O Ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores.** 2. ed. Portugal: Porto Editora, p. 31-61, 1992.

HURTADO, J.G.G.M. **O ensino da Educação Física: uma abordagem didática.** 2. ed. Curitiba: educa/Editer, 1983.

JESUS, S. N. D.; SANTOS, J. C. V. Desenvolvimento Profissional e Motivação dos Professores. **Educação.** Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 1 (52), p. 39 – 58, Jan./Abr. 2004.

LAKATOS, E. M. ; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 1993.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisas em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MIZUKAMI, M. G. **Docência, trajetórias pessoais e desenvolvimento profissional.** In: REALI, A. M; e MIZUKAMI, M. G. (orgs.). Formação de professores: tendências atuais. São Carlos: Edufscar, 1996.

MOREIRA, H. A motivação dos professores: uma dimensão esquecida. **Revista Educação e Tecnologia.** Curitiba – PR. v. 1, p. 88-96, 1997.

MURRAY, E. J. **Motivação e Emoção.** 3 ed. Rio de Janeiro: Copyright, 1973.

NEGRINE, A. Instrumentos da coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_\_ NETO, M.; TRIVIÑOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na Educação Física.** Porto Alegre: Editora da Universidade Sulina, 2004, p. 61 – 93.

NEVES, J. A. J; TOURINHO, M. B. A. C. **Perfil motivacional para o trabalho dos colaboradores de fitness.** Pensar a Prática, Goiânia, v. 14, n.1, p. 1-15, jan./abr. 2011.

NÓVOA, A. **Vida de professores.** 2 ed. São Paulo: Porto Editora. 1992.

ROBERTSON, P.K.; SULLY, J.P.; WOELLER, D.J.; LUNNE, T.; POWELL, J.J.M.; GILLESPIE, D. 1992. Estimating coefficient of consolidation from piezocone tests. **Canadian Geotechnical Journal**, Ottawa, 29(4): 539-550.

RYAN, R.M.; DECI, E.L. **Intrinsic and extrinsic motivations: classic definitions and new directions.** Contemporary Educational Psychology, New York, v.25, n.1, p.54-67, 2000a.

SACRISTAN, J. G. **Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores.** In: NÓVOA, A. (org.) Profissão professor. 2 ed. Portugal: Porto Editora, 1995, p. 63-92.

SILVA, S. A . A pesquisa qualitativa em educação física. In: **Revista Paulista de Educação Física.** São Paulo, v. 10, n. 1, p. 87 – 98. Jan/1996.

SILVEIRA, E. N.; NOVAES, J. **Ginástica de academia: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

SOUZA, S. N . **A educação física na universidade:** licenciatura e bacharelado: as propostas de formação e suas implicações teórico práticas. 1999. 350 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. cap. 2, p. 34-143.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. *Revista Brasileira de Educação.* ANPED, jan./fev./mar./abr. n. 13, 2000. p. 05-24.

TELFER, R; SWAN, T. Teacher motivation in alternate promotion structures for NSW high schools. **The Journal of Educational Administration**, v. XXIV, n.1, p. 38-57, 1986.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.



## APÊNDICE

APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**  
**CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre “**Motivação de professores de educação física para permanência na regência de aulas de ginástica em academias**”. A participação não é obrigatória e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento não necessitando apresentar nenhuma justificativa, bastando para isso, informar sua decisão ao pesquisador.

A participação consistirá em responder a uma entrevista semi-estruturada, gravada por meio de um gravador de áudio.

Não há riscos relacionados com sua participação, enquanto sujeito da pesquisa. Caso haja publicação dos dados, estes serão confidenciais e asseguramos o sigilo de sua participação durante todas as fases do estudo. O seu anonimato será preservado por questões éticas.

Considerando os dados acima, CONFIRMO estar sendo informado por escrito e verbalmente dos objetivos deste estudo e em caso de divulgação AUTORIZO a participação.

Eu....., portador do RG  
 nº.....UF:....., declaro que aceito participar do estudo.

Criciúma, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura

Responsável: Jéssica Fernandes  
 Contato: (48) 96183238  
 Email: je.fernandes7@gmail.com

## APÊNDICE 2 – ENTREVISTA

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA DOS PROFESSORES

- 1 - Há quanto tempo está formado (a)?
- 2 - Há quanto tempo trabalha na profissão?
- 3 - Idade?
- 4 - Possui alguma pós-graduação?
- 5 - Realizou algum curso específico que acrescentou ou mudou algo na sua profissão?
- 6 - Com que idade começou a reger aulas de ginástica?
- 7- Como foi o processo de sua formação inicial. O que levou a optar por esta profissão?

### ENTREVISTA

- 1 - Quais são os motivos que te levaram a trabalhar com ginástica?
- 2 - Porque escolheu a modalidade de ginástica de academia, sendo que existem outras modalidades na área?
- 3 - Quais são as ferramentas pedagógicas que você usa para motivar seus alunos a permanecerem nas aulas?
- 4 - Que fatores que levaram você a permanecer regendo aulas de ginástica?
- 5 - Quais modalidades de ginástica mais chamam a atenção?
- 6 - Trabalha somente com ginástica de academia?
- 7 - Quais os fatores que mais lhe motivam nesta área de atuação?
- 8 - Quais os que mais desmotivam?